

O cartaz como rastro circulante

Manoella Neves¹

Resumo: Em trabalho anterior² abordamos sobre o cartaz como suporte marcador da circulação, no qual é observada a sua presença, posse e transformação nas manifestações contemporâneas ocorridas no mundo e as de junho de 2013 no Brasil. Então, a partir da observação feita anteriormente e de uma pesquisa de doutorado em andamento, no presente artigo o cartaz será analisado em seu valor de signo. Este é compreendido em Pierce e Bakhtin, no que suas concepções se aproximam, a saber, o valor do signo para além do objeto que representa. Entende-se que o cartaz da rua ao ser fotografado passa às redes sociais digitais sendo usado a revelia de quem o criou, de modo a apresentar-se como suporte marcador de circulação. No entanto, em posse de outrem, o cartaz não somente registra um movimento, mas também gera e recebe sentido em processo de semiose, no qual se entende este objeto não somente como suporte marcador, mas indício daquele processo.

Palavras-chave: Cartaz. Manifestações. Circulação. Signo

Introdução

Em artigo anterior foi feito um registro sobre as manifestações no mundo desde 2010 até junho de 2013 no Brasil, a partir da observação das formas de organização, lemas e imagens que as constituíram. Desta narrativa, destacou-se a presença das redes sociais digitais e a dos cartazes e suas mensagens que viram hashtags. Neste processo de comunicação, mais que ferramentas, as redes de internet e de telefonia, configuram-se como formas organizacionais, cujos cartazes com suas mensagens, constituem-se como suporte responsivo, ativo, no processo comunicacional, como marcadores da circulação interacional, nas redes e nas ruas.

A partir da observação feita anteriormente e sendo resultante de uma pesquisa de doutorado em andamento, no presente artigo o cartaz será analisado em seu valor de signo. Este é compreendido em Pierce e Bakhtin, no que suas concepções se aproximam, a saber, o valor do signo para além do objeto que representa. Entende-se que o cartaz da rua ao ser fotografado passa às redes sociais digitais sendo usado a revelia de quem o criou, de modo a

¹ Professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas. Aluna do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos - São Leopoldo-RS. Bolsista PRODEP/UFAL. Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). Graduada em Relações Públicas pela Universidade Federal de Alagoas (1999). E-mail: manoellaneves@hotmail.com

² O cartaz como suporte marcador da circulação interacional. Texto submetido ao grupo de pesquisa – GP: comunicação, responsabilidade e cidadania, no X Congresso da Abrapcorp, maio de 2016.

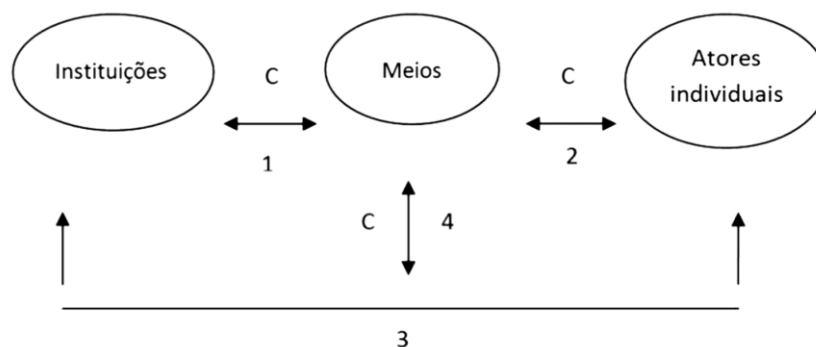
apresentar-se como suporte marcador de circulação. No entanto, em posse de outrem, o cartaz não somente registra um movimento, mas também gera e recebe sentido em processo de semiose, no qual se entende este objeto não somente como suporte marcador, mas indício sobre os sentidos nesta circulação.

O cartaz que estava nas ruas transita na rede social digital Facebook. Nele, o cartaz também se move nas *timelines* por meio de matérias produzidas por dispositivos massivos. Embora, o que ocorre na rede possa se tornar ponto de pauta e discussão na comunicação massiva, aquela rede social digital parece ‘dragar’ para si todos os processos de interlocução. Desta perspectiva parte-se para a compreensão de interlocução de Ferreira (2013) que nela observa dois movimentos: endógeno e exógeno.

o cartaz na rua	movimento endógeno
o cartaz na <i>timeline</i>	
o cartaz na TV	
o cartaz da rua na <i>timeline</i>	movimento exógeno
o cartaz da <i>timeline</i> em outra rua	
o cartaz da rua na TV	
o cartaz da TV na <i>timeline</i>	

Embora aparentemente ‘dragada’ pela rede social digital, a interlocução gerada a partir de um dispositivo vem em movimento que ocupa e interliga espaços e sujeitos/instituições. Compreendendo que a circulação está entre produção e reconhecimento, circulação é espaço que relaciona, correlaciona. De modo esquemático, Verón indica sobre o processo de circulação.

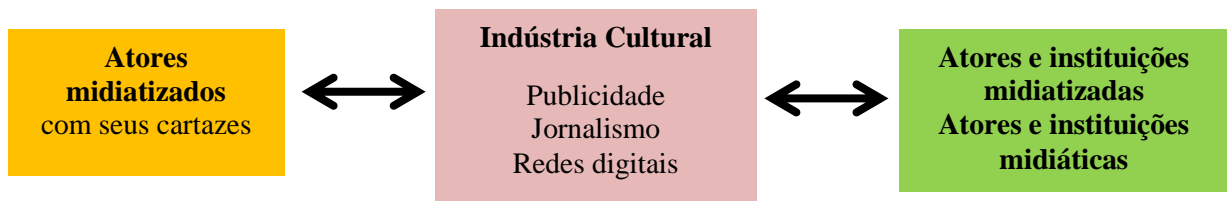
Figura?: Esquema da mediação



Fonte: VERÓN, 1997, p.14

A pesquisa de tese em andamento versa sobre a interação entre meios (sites jornalísticos, produção publicitária, redes digitais), atores individuais (manifestantes, sem representações institucionais) e instituições (mídia, política e polícia) a partir do uso e apropriação do cartaz. Os cartazes no estudo constituem-se meios que usados e apropriados configuram-se dispositivos, desenhados como caso de investigação. Os cartazes ilustraram e deram forma à cobertura das manifestações de junho de 2013 no Brasil, em sites informativos. Além disto, é observado que no conteúdo de alguns cartazes, há incidências da cobertura jornalística, da produção publicitária e das redes sociais digitais. O esquema a seguir, pautado no de Verón (op.cit.) acima referenciado, ilustra o processo de circulação que norteia o raciocínio desta tese.

Figural1: Processo de Circulação



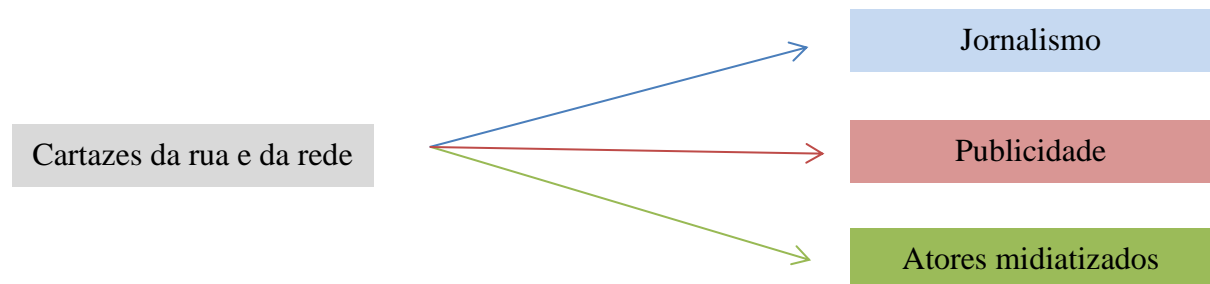
Fonte: Elaborado pela autora

Fausto Neto (2010) ensina que circulação é um espaço de reconhecimento e de desvios produzidos pela apropriação na qual aparece o resultado da diferença entre lógicas de processos de produção e recepção de mensagens. É um espaço de maiores possibilidades de ocorrência interacional na prática social e de descoberta na investigação. Esta, na perspectiva sócio-midiática **busca defasagem nas interações entre instituições (comunidades, Estado e mercado: econômicos, culturais e políticos), meios e atores individuais** inscritos em processos midiáticos, observando-se as mútuas remissões nas relações entre estes que compõem as interações comunicacionais em posição de produção e recepção midiática, ensina Ferreira (2016).

Compreende-se defasagem como relativa aos usos, práticas e apropriações dos meios e dos dispositivos sócio-semio-técnicos na constituição de circuitos multipolares contextualizados por afetações entre **lógicas dos envolvidos nos processos de circulação**. Usos têm a ver com experimentação social e valor de uso e são regulados por formas socialmente estabilizadas e ritualizadas, a que se chama de práticas. As apropriações atuam conforme

aquelas lógicas em jogo. Os cartazes da rua e da rede foram usados e apropriados pelo e a partir de práticas do jornalismo, da publicidade e de atores midiáticos.

Figura 2: Usos, práticas e apropriações do meio cartaz



Fonte: Elaborado pela autora

O conjunto de signos, linguagem, discursos, técnicas, tecnologias e meios de comunicação simbólicos formatam uma matriz que é empoderada a partir do processo social da transformação dos meios em dispositivos. Nesta transformação identifica-se uma diversidade de consumos, usos e tentativas de práticas e apropriações – que na esfera do signo é um processo de complexificação dos objetos, dos meios e do interpretante – na qual se verificam as disrupções na circulação com seu feixe de relações entre produção e recepção em circuitos e ambientes complexos. Se há deflexão, desarticulação entre lógicas há aí também a possibilidade de um exercício de conexões a partir de um movimento inicial dos sentidos e estímulos. Tal deflexão tem relação com o que Braga (2012a) coloca como **‘fluxo adiante’ no qual o receptor, dado o contexto social midiático, faz seguir as reações ao que recebeu, modificando ou não o ‘produto’ original.**

Não é o produto que circula propriamente, ele encontra um sistema de circulação no qual se viabiliza e ao qual alimenta. O produto é um momento fértil da circulação uma vez que consolidado em sua forma pode continuar circulando e repercutindo em outros espaços. Por sua permanência e porque se molda ao mesmo tempo em que busca moldar os ambientes em que se põe a circular, o produto se torna um objeto especial de observação de inferências sobre os processos mais gerais em que se inscreve.

O objeto cartaz é constituído pelo sentido que faz o seu uso e pela condição que os sujeitos possuem em constituí-lo. Portanto o sentido é compartilhado, circulando e permanecendo, tal rastro circulante cujos processos interacionais acionados através do objeto

formatam uma ‘arquitetônica da responsabilidade³’ ou seja, na relação entre um self e um outro.

Cartaz e conversação cotidiana em espaço de interação pública

Neste estudo destacam-se as manifestações - constituição de um espaço de interação pública de exposição de questionamentos sobre atos dos poderes estabelecidos. E como já foi dito, considerando a posse e a transformação do cartaz nas manifestações, este se torna signo vivo, determinados pelas circunstâncias históricas e sociais. Revela-se - para quem dele se aproxima/se apropria - como possibilidade de interação e, o conjunto dos cartazes se constitui discurso que se transforma em cada episódio comunicacional no qual está inserido, no desenrolar de suas interações.

Discurso que se transforma estabelece uma dificuldade epistemológica de certo domínio sobre o que se estuda, emergindo a questão da incerteza ou imprecisão defrontada pela área de estudos da comunicação. “O comunicar e a individuação convocam a informação que, por sua vez, sugere uma realidade, mais insegura como devir, embora mais rica como possibilidade de experiência” (FERRARA, 2016, p. 15). Ferrara (2016; 2015) apresenta a comunicação como indecisa, entendendo-a como área do conhecimento que ao tempo em que opera com ‘intensas movimentações’ que não correspondem ao total rigor dos paradigmas conceituais, para a busca da autonomia e identidade melhor estabelecida de área científica.

Observa-se que esta questão da autora vem ao encontro do que Braga defende quanto ao espaço de fronteira. Para este autor, o espaço de fronteira é a interface - espaço privilegiado para a construção do campo, evidenciado não na separação ou distinção, mas em incidências mútuas, não o relegando a fixar-se no ‘em construção’, mas em contornos mais bem definidos. O espaço da comunicação enquanto área do conhecimento se dá pela própria caracterização de sua ação, balizar a distinção- que somente é dada em relação, demarcando contiguidade e diferença. Quanto ao objeto em estudo, quando se refere a rastro circulante diz-se também sobre o que é traçado, vestígio em movimento. Quanto se refere ao cartaz - objeto privilegiadamente comunicacional - enquanto signo relaciona-se ao que é distintivo, ao distinguir, o cartaz interpela e é interpelado.

Os cartazes utilizados nas manifestações de junho de 2013 lançam propostas, ideias, respostas individuais – pelo menos não institucionais – à sociedade (Estado, mercado e mídia)

³ Esta é uma concepção bakhtiniana, cujo nome foi dado pelos estudiosos da obra deste filósofo russo, Clark e Holquist.

que as valiam e também as enunciam, sendo confirmada ou não, no processo de interação. Observando-se que, via cartaz pode ser criada uma relação de diálogo e a possibilidade de modificação/atuação constituindo-se a partir disto, um espaço de interação.

Quanto ao método de comunicação em jogo há o da mídia tradicional, com metas e resultados estratégicos de natureza informativa, promocional ou publicitária, com ações e materiais de comunicação planejados quanto à sua produção e circulação, estabelecendo contato com a sociedade/públicos. E outro, assistemático, sem planejamento, cuja força está na autonomia dos indivíduos. Weber (2001) denomina de *Sistema de redes de comunicação* a união das redes políticas de comunicação compartilhada que combinamos os dois modos de produção estratégica de informações. Uma *rede política de comunicação instrumental*, relativa à comunicação institucional com metas e resultados previsíveis. Outra, a *rede política de comunicação direta* possuindo uma dinâmica própria, sem intervenção direta da outra rede – e com força para intervir nela -, completando-a de modo a-sistêmico e sem planejamento. Entende-se aqui que o cartaz se constitui signo ao se situar entre estes dois sistemas, uma vez traz em si a dinâmica própria da rua e constantemente se mostra como elemento responsivo que calibra sua posição a partir da outra rede.

Na engrenagem dos dois circuitos na qual se situa o cartaz, suas reivindicações e proposições são indicadores (índices) donde se faz inferências a respeito das especificidades das passeatas de 2013. A comunicação alterou o modo de fazer manifestações e também de fazer política. Das especificidades das manifestações, o desentranhar do comunicacional frente à relação sociedade e classe política, parece residir no requerimento da participação/interação dos sujeitos influenciando mais diretamente o fazer administrativo (ou político) de modo a poder torná-lo mais polifônico e democrático, com formas diversas de participação, com instrumentos que forcem a “prestação de contas” (ou a *accountability*) aos públicos, que evidenciem credibilidade das ações institucionais, buscando alcançar uma publicidade forte – como se refere Maia (GOMES; MAIA, 2008): não somente àquilo que é trazido à atenção de todos, mas ao que satisfaz certas regras pragmáticas que possibilitam o debate e a argumentação.

Para tanto, é necessário observar os códigos linguísticos e extralinguísticos dos processos interacionais. A comunicação se utiliza de códigos (comunicação fraca) e é criadora e transformadora destes (comunicação forte), sendo as diferenças entre elas a escala, a perceptibilidade e intensidade temporal. O que interessa para o conhecimento da área é investigar o que está sendo transformado nos processos comunicacionais observados.

Comunicação é um processo social que transforma os códigos. Na relação transformações x códigos está a compreensão da diferença entre as lógicas do processo de produção e de recepção, indo para além de concepção de que comunicar seria codificação e decodificação e de que seria ruído tudo o que levasse a transformações entre a partida (codificação) e a chegada (decodificação).

Braga (2013) evidencia que o entendimento sobre código não se restringe a dominar regras e ‘gramáticas’, localizando-o em episódios, sendo transformado na multiplicação de eventos concretos de interação social, cujo enfoque epistemológico mais produtivo seria o de ‘buscar as regras’ (regularidades estatísticas e as lógicas codificada) que definem as comunicações em que a sociedade se engaja. Então, quando o autor diz ‘código’ está se referindo a elementos de variado rigor e precisão, devendo ser observado de forma cuidadosa nos direcionamentos que impõe e que não são determinísticos.

Em um episódio comunicacional têm-se muitos códigos, uma pluralidade de elementos compartilhados. Os processos de mediação são viabilizadores e favorecedores de circuitos de complexidade ampliada, numa dinâmica comunicacional entre diferentes elementos compartilhados e um processo de interação que tensiona e modifica o anterior, podendo ser a inferência o principal modo de relacionamento entre esses dois momentos.

A comunicação transforma os códigos que viabilizam a interação. E as fronteiras entre códigos e inferências são imprecisas, sendo as regras da ordem do código e as estratégias do inferencial. **O que articula a multiplicidade de códigos, lógicas, regras e referências dadas não seriam os supercódigos, mas a atividade inferencial diante da incompletude das regras.**

Esta concepção articula-se à explicação de Maia (GOMES; MAIA, 2008) que diz que nos fóruns estruturados, as conversações e discussões em arenas discursivas nem sempre operam de maneira uníssona. Tais fóruns ajudam a distinguir os vários âmbitos ou ‘arenas discursivas’, marcando de um lado a diferença entre os atores sociais, suas motivações, recursos e oportunidades para se engajar na deliberação e de outro, a natureza da comunicação, a sua gramática e seus contratos comunicativos. A conversação ou a discussão nessas arenas mais ou menos formais cumpre funções e as condições apontadas como ideais para o desenvolvimento da deliberação: inclusividade de temas e de participantes, razoabilidade dos argumentos a não tirania, a consideração de igualdade moral e política entre os participantes, a escuta efetiva, o respeito mútuo e a reciprocidade entre os interlocutores, a reversibilidade das opiniões. É preciso pressupor o intercâmbio entre tais arenas, o processo

de seleção e filtragem dos fluxos comunicativos para compreender como a opinião e a vontade política se formam discursivamente.

Embora junho de 2013 tenha se dado sem a presença de uma instituição - apenas convocada pela MPL, não sendo por ele controladas totalmente -, as manifestações se desenvolvem nas ruas e nas redes estruturando-se como espaços de conversação. 2013 foi organizado nas redes sociais digitais, em especial no Facebook e milhares de jovens foram às manifestações nas ruas de algumas cidades brasileiras. Foi um momento de certa unicidade discursiva, uma vez que havia inicialmente, uma pauta única: o aumento das passagens dos transportes públicos. Depois, houve a ampliação da pauta e a unicidade fez-se polifonia. Ruas e redes ‘deram voz’ aos que desejassem fazer o seu manifesto individual público. Após este ano, a conversação ou a discussão nestas arenas, sobretudo a digital/virtual, gerou uma ambiência de polaridades distantes das condições ideais para conversação. Nas manifestações pós 2013, em especial nas de 2015, são mais evidente o distanciamento destas condições ideais.

As trocas comunicativas na esfera pública pressupõem a reflexão, a crítica, a capacidade de defender seus próprios posicionamentos por meio de razões, a capacidade de assumir o papel do outro, articulando a escuta respeitosa, a sinceridade e a inclusão formal. As interações cotidianas são marcadas pela fluidez, pela transitoriedade de propósitos, pelo prosaico, pelo afetivo. Estas interações, de discussão aberta não solicitam de seus participantes o engajamento com argumentação e contra argumentação rigorosa e sistemática. A conversação cotidiana é comumente passional e tende a valorizar o uso figurativo da linguagem – menciona Maia (2008) a autora Young quando esta propõe a ‘cultura da fala’. A discussão aberta em torno de questões sensíveis – quando o parceiro da interlocução reconhece o conteúdo da fala como preconceito, exploração ou injustiça – pode facilmente levar a rupturas abruptas na troca comunicativa e dar lugar a formas comunicativas rudes, podendo ser marcadas pelo ódio e pela animosidade. “Nem todas as reivindicações elaboradas pelos grupos se baseiam em padrões democráticos ou justos, ou apresentam razões passíveis de serem defendidas publicamente” (MAIA, op.cit., p.212).

Tradicionalmente, as manifestações trazem bem marcados os atores coletivos e, a relação destes com a mídia “centra-se na política institucional-formal e em falas de autoridades; as empresas de comunicação operam com regras, estruturas e critérios próprios” (idem; ibidem, p.215). Agora as demandas são ainda mais variadas, pois os atores individuais se destacam sobre os atores coletivos, como as associações cívicas e os movimentos sociais.

O que há são atores cívicos engajados em processos competitivos, ‘marcado muitas vezes pela emoção e pelas paixões, e que segue uma dinâmica própria, sem obedecer ao controle de um único ator’ (idem; ibidem, p. 218). Além disto, as manifestações contemporâneas constituíram-se na ambivalência entre rua e rede social digital.

O cartaz e seus espaços

A ambivalência das manifestações, remete ao texto de Mata (1992) ‘Entre la plaza y la platea’ no qual a autora se refere à imagem de um movimento que revela novos espaços de produção de sentido político. Embora o texto date do início dos anos de 1990 e a autora refira-se aos meios físicos e de massa, sua concepção de movimento dos espaços de interação e circulação midiáticas – portanto, um modo de pensar o campo da comunicação – cabe com ajuste, às manifestações de rua ocorridas nestes tempos de redes sociais digitais, como as jornadas de junho de 2013 no Brasil. Rubim (2000) refere-se ao estudo da autora dizendo que rua e tela não se eliminam ou se sobrepõem, mas realizam tensas interações. Sobre a ideia de Rubim, completa-se, a rua, a tela e a rede não se suprimem, mas efetivam tensas interações.

Seguindo o raciocínio de Mata (op.cit.) observa-se que as manifestações ocorrem em locais públicos, onde sucedem interações diretas, articularam-se cidadãos, havendo reconhecimento e confrontação de interesses envolvidos num mesmo espaço de ação. Por outro lado, a mesma sociedade que se dá em espetáculo na rua e nas redes sociais digitais – no seu sentido mais público -, se vê, se reflete nas mídias – no seu sentido mais particular de cidadãos contempladores, espectadores.

Landowski (1992) em seu estudo sobre sociossemiótica, fala sobre ‘sociedade refletida’ e a explica dizendo ser um conceito relacionado à reflexividade cuja comunidade social se dá em espetáculo a si mesma, e assim fazendo, dota-se das regras necessárias a seu próprio jogo. É a encenação de si nas interações cotidianas que contribuem para a construção de um espaço social de significação. “Esse espaço construído não “reflete”, por natureza, algum dado societal preexistente. Ele representa, ao contrário, o ponto de origem a partir do qual o social, como sistema de relações entre sujeitos, se constitui pensando-se.” (idem, ibidem, p. 14). Esta compreensão soma-se a de que sociedade da mídiatização se converte em referência sobre a qual a estrutura sócio-técnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação em vários níveis de organização e da dinâmica própria da sociedade (FAUSTO NETO, 2008).

A Rede tem sua potência. Ela proporciona a conectividade, traz o valor de agregar, estimular e organizar pessoas, conectando movimentos, estimulando discussões e fortalecendo debates. As redes sociais digitais possibilitam que as pessoas se expressem.

O espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado. [...] a questão fundamental é esse novo espaço público, o espaço em rede, situado entre os espaços digital e urbano, é um espaço da comunicação autônoma. A autonomia da comunicação é a essência dos movimentos sociais, ao permitir que o movimento se forme e possibilitar que ele se relacione com a sociedade em geral, para além do controle dos detentores do poder sobre o poder da comunicação (CASTELLS, 2013, p.20).

Partindo-se da concepção de Mata e agregando os processos midiáticos sócio-técnicos dados, sobretudo pela forte presença das mídias sociais, foi elaborado um quadro síntese das características dos espaços da praça, da plateia e do virtual. Reforça-se que tais espaços não se substituem, mas se conectam tensa e intensamente.

Figura 4: Quadro síntese das características dos espaços da praça, da plateia e do virtual.

Praça	Espaço virtual	Plateia
Lugar onde acontecem trocas diretas, como lugar de ação.	Construído entre a praça e a plateia	Mediatização - os meios de comunicação de massa impõem sua lógica na construção da realidade política.
Centro articulador de espaço do cidadão, lugar de irrupção de atores coletivos, como território em que se trabalham adesões e se processam encontros.	Ocupação física dos espaços públicos como estratégia da ação proposta primeiramente neste espaço.	Os meios de comunicação de massa como os principais meios entre os espaços clássicos da política (governo, parlamento, partidos) e a cidadania, transformada em público massivo.
Espaço bivalente, público e privado. Público enquanto oferta genérica que permite ascender a um espaço comum de representação. Privado, particular, lugar da também da contemplação e da produção da recepção.	Lugar construído em cooperação por ambas estratégias: da praça e da plateia.	A mediação compreendida como um mecanismo que permite estabelecer laços, vínculos entre atores e estruturas.
Âmbito natural do espetáculo e do espectador, não como passivo ou assimilador e reproduzidor, mas forçado pelos limites do representado, remetendo a uma atuação.	Espaço de acirramento da polarização. Espaço de tensão possibilita uma discussão a cerca da política como prática de articulação de interesse e definição de propostas, como espaço de reconhecimento e diferenciação.	Mediação como movimento mais global de remodelação das formas de sociabilidade.

Fonte: Elaborado pela autora

Em relação às manifestações, a praça se fez na ocupação das ruas, das avenidas das cidades, ascendendo a um espaço de representação privilegiado, pois público e, lugar de contemplação para quem observa o que se passa, sem dela participar diretamente. Praça ainda por ser o domínio do espetáculo, da atuação pelo contato presencial. Fez-se também plateia na sociedade que se dá em espetáculo, vendo-se refletida e refratada pelos meios de comunicação que faz isto aos meus modos e processos. As manifestações conclamadas, organizadas e em parte ocorrida nas mídias sociais, constitui-se ainda, espaço virtual de ação/atuação.

O cartaz rastro circulante

O cartaz passa por todos estes ambientes sendo adaptado, ajustado conforme as técnicas, regras e intenções de cada espaço. O cartaz cartolina, o cartaz midiaticizado, o cartaz postado são as várias performances deste suporte, que não somente sustenta e sinaliza uma mensagem, mas mostra-se adaptativo ao meio, comunicando e sendo comunicado. Refere-se aqui, portanto não somente a questão da tecnologia ‘em cartaz’ - escrito (na rua), imagem (na mídia), postagem (no espaço virtual) -, mas também a evidência dos modos como se processa uma manifestação contemporânea a partir dos processos de midiaticização.

Observa-se, portanto, que na sociedade em midiaticização há uma interrelação entre os processos mediáticos e outros processos interacionais. Lima (in: MARICATTO et al., 2013), observando a presença das tecnologias de informação e comunicação (TICs) e da velha mídia (televisão, rádio, jornais e revistas) nas manifestações de 2013, afirma que os cartazes dispersos nas manifestações revelam que os jovens se consideram sem meios para se expressar e ter sua voz ouvida, em fim sem ‘voz pública’ e pondera que as TICs não garantem a inclusão destes jovens no debate. Correlacionados à inexistência de um delineamento político partidarizado, há nestas manifestações, a ausência de um foco temático principal, havendo então, uma multiplicidade de reivindicações e de processos “mostrativos” – cujos cartazes são parte. Sakamoto (in: MARICATTO et al., ibidem) complementa a ideia de Lima (idem; ibidem) quando afirma

Essas tecnologias de comunicação não apenas são ferramentas de descrição, mas sim de construção e reconstrução da realidade. Quando alguém atua através de uma dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando. Isto, aos poucos, altera também a maneira de fazer política e as formas de participação social (p.95).

As relações se dão, atualmente, sem a mediação central do espaço da mídia, possibilitando uma atuação popular mais direta na sociedade. Correlacionadas à inexistência de um delineamento político partidarizado, uma das características das Manifestações de 2013 foi exatamente a diversidade ou a ausência de um foco temático principal, havendo então, uma multiplicidade de reivindicações e de processos “mostrativos”.

A inscrição de atores individuais nos dispositivos midiáticos gera processos socioantropológicos que permitem novos usos, práticas e interações sociais midiaticizadas. O dispositivo nem é meio, nem é mensagem, é um lugar de inscrição que se transforma em operador de novas condições de produção e de recepção e ao mesmo tempo passagem (FERREIRA in BRAGA et. al., 2013). A comunicação, com seus dispositivos, altera os processos sociais, em especial os embates políticos e a forma de fazer manifestações. Frente às múltiplas lógicas envolvidas em junho de 2013 - cujos usos de vários cartazes em parte revelam -, a compreensão de midiaticização parece integradora na medida em que o processo de circulação que a constitui, se manifesta de modo concreto, é reconhecível e pode ser descrito e avaliado.

O cartaz é um dispositivo interacional marcador, pois sinaliza, é símbolo. Marca o movimento de resposta e da relação entre produção e reconhecimento. O estudo de processo de circulação encontra no objeto cartaz um elemento constituinte do movimento que faz, uma vez que deixa rastro, sendo o cartaz então rastro circulante.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto (orgs.). **10 perguntas para a produção do conhecimento em comunicação**. São Leopoldo-RS: Ed. UNISINOS, 2013.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JR, Jeder; JACKS, Nilda (organizadores). **Mediação & Midiaticização**, Livro Compós 2012. Salvador: EDUFBA, 2012a.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. São Paulo: Zahar, 2013.

FAUSTO NETO, Antônio. A circulação das bordas. In: FAUSTO NETO, Antônio; VALDETTARO, Sandra. **Mediatización, sociedade y sentido: diálogos entre Brasil y Argentina**. Rosário, Argentina, Agosto 2010, p. 2-17.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma ‘analítica’ da midiaticização. In: **Matrizes**, n.2, Abril, 2008, São Paulo, p. 89-105.



FERRARA, Lucrécia D'Alessio. A epistemologia política da comunicação. **XXV Encontro Anual da Compós**. Goiânia, junho, 2016.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Comunicação mediações interações**. São Paulo: Paulus, 2015.

FERREIRA, Jairo. Miatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação. **XXV Encontro Anual da Compós**. Goiânia, junho, 2016.

GOMES, Wilson; MAIA, Rousely C.M.. **Comunicação e democracia**. São Paulo: Paulus, 2008.

JUDENSNAIDER, Elena et. al. **Vinte centavos**: a luta contra o aumento. São Paulo: Veneta, 2013.

KERCKHOCVE, Derick. *Inteligencia em conexión: hacia una sociedad de la web*. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: Educ/Pontes, 2002.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilidade nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARICATO, Ermínia et al. **Cidades Rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MATA, Maria Cristina. Entre la plaza y la platea. In: SCHMUCLER, H. e MATA, Maria Cristina (org). **Política y comunicacion – hay un lugar para la política en la cultura mediática?** Buenos Aires, Universidad Nac. de Córdoba/Catálogos, 1992.

MOLES, Abraham. **O cartaz**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfrend. **Comunicação e Semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2005.

_____. Esquema para el análisis de la mediatización. In: **Revista Diálogos de la Comunicación**, n.48, Lima: Felafacs, 1997.

WEBER, Maria Helena. **Comunicação como estratégia de disputar o poder de governar (sobre a cidade de Porto Alegre)**. Encuentro de posgrados em comunicación del Mercosur. Córdoba, março, 2001.